

A TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL

*Carlos Osmar Bertero**

*Professor titular na
EAESP/FGV.

Este texto não pretende ser nem a biografia autorizada, nem a desautorizada de Fernando, mas simplesmente uma apresentação que, embora faça uso de algumas informações e dados de seu itinerário intelectual, é calcada fundamentalmente no convívio profissional e nos vínculos de afeição e amizade que se desenvolveram ao longo de décadas.

Nunca consegui separar Fernando de São Paulo – da cidade, do estado, de sua condição de paulista. O fato de ter nascido em São Paulo, como descendente, de um lado, de família ‘quatrocentona’, de outro, de imigrantes italianos, numa mistura tipicamente paulista, deve ajudar a entender por que não consigo fazer tal separação. Não bastassem essas coisas, ele estudou no Colégio São Luiz, dos jesuítas, tradicional escola de São Paulo, localizada, é claro, na avenida Paulista.

Depois, Fernando ingressou na Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, onde realizou toda a sua escolaridade formal e concluiu bacharelado, mestrado e doutorado; seguiu-se, na Universidade de São Paulo, a livre-docência, a promoção a professor-associado e, finalmente, a condição de titular na Faculdade de Educação, posição que exerceu durante algum tempo simultaneamente com a titularidade no Departamento de Administração Geral e de Recursos Humanos da FGV, em São Paulo.

Meus registros iniciais de Fernando remontam ao curso de graduação da FGV, quando lecionei um curso de Relações Humanas em que ele foi meu aluno. Devemos assumir, sem ponta de vergonha, que, à época, tratava-se de um curso de vanguarda, pois Fayol e Taylor eram não só clássicos, mas também atualidades totais, e Georges Elton Mayo e os experimentos da Western Electric, em Hawthorne, eram mais do que se podia pedir em termos de vanguarda. Não causa estranheza o fato de Fernando nunca ter demonstrado interesse pela administração enquanto gestão: para ele, administração, como quaisquer outras áreas, deveria ser sempre algo que propusesse suscitar a reflexão. Isso permite entender seu relativo desinteresse pela instrumentalização e pelas diversas áreas funcionais que constituem a administração, o que faria de Fernando um

professor que, em princípio, deveria afastar a maioria dos estudantes de um curso de graduação em administração. Afinal, lá estão jovens pragmáticos, interessados em desenvolver sua capacitação profissional para se lançarem à batalha competitiva por sucesso, como entendido na profissão – cargos ascendentes, com maiores recompensas tanto pecuniárias quanto simbólicas e políticas, em termos de poder, *status* e prestígio.

Na verdade, mundo afora, as boas escolas de administração ensinam que esses valores são desejáveis e devem ser buscados, e que não pode haver uma carreira plena em administração sem que se carregue uma boa reserva de ambição. Mas esse afastamento nunca ocorreu. Durante muitos anos, sua carga docente consistia, principalmente, em lecionar para turmas de graduação. Suas aulas sempre foram das mais interessantes, atraindo muitos estudantes; nada havia nelas que ensinasse como triunfar na profissão de administrador nem qualquer intenção do mestre de fornecer a eles ‘instrumentos’ de trabalho para que melhor pudessem gerir e sobreviver em meio ao cipoal organizacional.

Ao tempo em que o ensino de administração era sinônimo de TGA – Teoria Geral de Administração, perspectiva até hoje existente e que ainda ensina administração voltada para o exercício das funções do administrador, como proposto por Fayol, Fernando começou a interessar-se por organizações e estudos organizacionais. Dessa época vem sua associação com Luiz Carlos Bresser Pereira e a produção de um texto, durante muito tempo útil ao ensino de Organizações e que tratava de organizações burocráticas. Era basicamente o mundo de Weber e de mais alguns autores que lidaram com burocracia nas décadas de 40 e 50. Do mesmo período data outro texto escrito com o intuito de lastrear o seu curso de organizações, na graduação. Assim, não se pode deixar de ligar Fernando à área como um dos seus iniciadores, em conjunto com outros nomes, dentre os quais sobressaíam Guerreiro Ramos e Maurício Tragtenberg.

A partir desse momento, Fernando teria de entrar, cada vez mais, num mundo que não havia sido prioridade em uma escola de administração – o das ciências sociais, mais especificamente o da Sociologia e da Ciência Política, caminhando mais tarde para a Antropologia, a Psicologia social e o mundo freudiano nalgumas de suas ramificações. E a opção por dedicar-se a Estudos Organizacionais levou-o a ler os clássicos do pensamento social. Se Max Weber

foi o início, depois vieram Marx, Durkheim, Parsons e muitos funcionalistas norte-americanos. O que me parece interessante registrar é um feliz anacronismo de Fernando: o fato de ter mantido o francês como língua de trabalho, apesar de pertencer à geração inicial dos que, no Brasil, abandonaram a língua. O francês, que até os anos 50 era a primeira língua dos brasileiros ‘educados’, não só cede lugar ao inglês, como também desaparece quase imediatamente dos currículos da maioria das escolas, tanto públicas quanto privadas. A manutenção do francês como língua de trabalho deu a Fernando o instrumento para o domínio de uma literatura até então desconhecida – e ainda o é – da maioria das pessoas que se dedicavam e se dedicam aos estudos organizacionais em nosso país: os estudos críticos de Castoriadis sobre o socialismo em sua versão leninista/stalinista, vigente à época na extinta União Soviética e nos países europeus centrais e orientais. Foi pela mesma trilha que Fernando chegou a Michel Foucault, a Bourdieu, a Eugéne Enriquez e a muitos outros autores. A curiosidade e a seriedade com que Fernando sempre enfrentou sua vida de profissional da academia, pesquisando, escrevendo, ensinando e orientando, fê-lo cobrir uma vasta gama de autores, escolas, consagrando, na área organizacional, uma abordagem de múltiplas perspectivas.

No convívio da FGV, em São Paulo, e especialmente no Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos, a presença de Fernando jamais foi política. Paradoxo único. Não tenho dúvidas de que foi o brasileiro que mais se dedicou ao estudo do poder em contextos organizacionais, sem nunca buscar o poder nos limites da academia, pois não era sua ambição. Sua presença, apesar de muito discreta, sempre foi marcante; constitui-se referência de natureza puramente acadêmica. Não cultivava inimizades; por isso, praticamente se desconhecem desafetos. Nem se pode dizer que era uma presença leve - sempre deixou sua marca, de uma natureza puramente acadêmica, como dito.

Não sabemos o que seja, no Brasil, um profissional acadêmico. Temos conhecimento do que seja noutros lugares – Estados Unidos e Europa (Reino Unido, França, Alemanha, Itália e Espanha) –, pois entre nós a profissão é nova e está em fase de construção. Somos anacrônicos na institucionalização da educação superior. Nossas primeiras universidades têm pouco mais de setenta anos, num país que já celebrou o quinto centenário. Profissionais de academia

em tempo integral surgem, pela primeira vez, na Universidade de São Paulo, na década de 30. Ainda hoje a pergunta que se faz com frequência é se trabalhamos ou apenas damos aula. Está claro que a sociedade ainda não sabe o que seja um profissional acadêmico. Nesse contexto embrionário para a profissão, não resta dúvida de que Fernando é um profissional acadêmico e sempre o foi, e de que nunca teve dúvidas se isto era realmente o que desejara ser. Trata-se de alguém que não conseguimos imaginar exercendo outra profissão.

A finalidade desta apresentação, no entanto, não é tornar o homenageado conhecido, pois todos o conhecem e da maneira que, creio, mais gosta de ser reconhecido: pelas coisas que escreveu e leciona. Trata-se, isso sim, de apresentar este conjunto de trabalhos produzidos em sua homenagem, como reconhecimento de colegas e ex-alunos, muitos dos quais se tornaram colegas; trata-se de agradecer-lhe pelo que ensinou e ensina, terminando com o pedido de que continue a escrever e ensinar, mantendo o convívio conosco.

O amor é sempre uma dádiva para quem ama e é amado – Fernando sempre foi muito amado. Antes por seus familiares, mãe, esposa, filha, irmã e cunhado. Mas esse círculo se expandiu muito ao longo de sua vida e continua a expandir-se. Todos nós que nos fazemos presentes nesta coletânea de trabalhos em homenagem a Fernando Cláudio Prestes Motta nos integramos a esse círculo dos que o admiram e agradecem tê-lo entre nós.

Que continue a escrever e a ensinar, convivendo conosco.